

O ingresso do Brasil na OCDE

» JOSÉ GOLDEMBERG

Presidente do Conselho de Sustentabilidade da Fecomercio-SP

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), estabelecida em 1961 com 20 membros fundadores, é composta atualmente por 38 países, incluindo algumas das principais economias desenvolvidas do mundo, como Estados Unidos, Japão e países da União Europeia, além de economias emergentes latino-americanas, como México e Colômbia. Até agora, o Brasil tem participado apenas de comitês técnicos da organização. O Conselho da OCDE decidiu iniciar discussões sobre a adesão do país à organização. Em janeiro de 2022, para ser aceito no “clube”, os países candidatos precisam demonstrar alinhamento aos princípios que regem o grupo.

É pré-condição para iniciar negociações para o acesso do Brasil a adesão a dois documentos adotados pelos membros, em outubro de 2021, que refletem valores comuns, visão e prioridades da OCDE, como preservação da liberdade individual, valores da democracia, respeito às leis e defesa dos direitos humanos. Além disso, no que se refere especificamente às questões de desenvolvimento sustentável, os requisitos são os seguintes: proteger o meio ambiente e melhorar as condições de vida de todos, em linha com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas (ONU); adotar políticas públicas que incluam reverter e fazer cessar a perda da biodiversidade e o desmatamento, tal como acordado na Conferência das Partes (COP26) da Convenção do Clima, em Glasgow (Reino Unido), em dezembro passado; adotar medidas que levem o país à “emissão zero” de gases do efeito estufa até 2050.

O ingresso do Brasil na OCDE — quando ocorrer — vai acelerar o processo de adoção de melhores práticas de políticas públicas na área de Sustentabilidade, pelas quais muitas entidades públicas e privadas (inclusive a FecomercioSP) têm se empenhado. Isso ocorre porque a OCDE estabelece padrões globalmente utilizados de inúmeros produtos e procedimentos que impactam as atividades comerciais e industriais dos países.

Um exemplo é o da Logística Reversa (LR), conjunto de processos para recolhimento e encaminhamento adequados a determinados produtos pós-consumo que — ao serem descartados de forma inadequada — prejudicam o meio ambiente. A FecomercioSP luta para implantar a LR no Brasil desde 2010, já adotada há muito tempo pelos integrantes da OCDE. O atraso no país para implementar essas medidas não será tolerado pela OCDE. Outro ponto é o fato de que apenas uma pequena parte dos resíduos urbanos é coletada de maneira separada em orgânicos e não orgânicos, o que também não obedece aos padrões da organização, pelos quais a coleta seletiva é regra, não exceção.

Ingressar na OCDE, conhecida como “o clube dos ricos”, vai aumentar a supervisão internacional, melhorar o posicionamento estratégico da nação na geopolítica mundial, aumentar a importância do desenvolvimento de regras e padrões e gerar cooperação e troca de experiências de alto nível com países desenvolvidos.

Com isso, o Brasil vai se tornar mais atraente para investimentos que vão ajudar a modernizá-lo. Portugal, exemplo de onde tudo isso ocorreu, era um país considerado de Terceiro Mundo, dentro da Europa, durante a ditadura de Salazar. Após a entrada na União Europeia e também na OCDE, o governo português recebeu enormes subsídios para a construção de estradas e melhorias na infraestrutura. Essas mudanças transformaram Portugal em um dos lugares mais atraentes do continente para atividades de turismo, setor importante ao Produto Interno Bruto (PIB) do país.

Outras consequências da adesão à OCDE ocorrerão na área de energia, uma vez que a organização tem metas claras para atingir “emissão zero” de gases do efeito estufa em 2050. Isso implicará na adoção de tecnologias mais eficientes e energias renováveis, reduzindo a presente tendência de “carbonização” da matriz energética brasileira e se traduzindo na modernização de diversos setores do setor produtivo no país.



A outra guerra: sufocar a economia russa por meio do bloqueio do país ao Swift

» TATIANA GOES

Empreendedora, economista e Ceo da Goesinvest, empresa focada em consultoria financeira, sucessão e proteção patrimonial e internacionalização de capitais. Especializou-se em Gestão Estratégica de Negócios pela Universidade de Harvard

A primeira semana de março foi marcada pela cor vermelha para a economia e o sistema financeiro russos. Colapso do rublo, subida de juros, corridas aos bancos, limitações aos movimentos de capitais e venda de posições por empresas estrangeiras. A bola de neve dos mercados começou a rolar, e é pouco provável que deixe o Ocidente incólume.

Nos últimos dias, as cotações de petróleo, gás, trigo, milho (os principais produtos de exportação da Rússia) dispararam, mas os produtores russos não ganharam nenhum centavo a mais por isso. Ao contrário, estão com seus estoques ameaçados pelo bloqueio imposto pelo mundo. Mas o que mais chamou atenção na primeira semana da movimentação da guerra foi a exclusão de bancos russos do sistema de comunicação Swift, que chegou a ser apelidada como “opção nuclear”.

A Sociedade de Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais (Swift, na sigla em inglês) foi fundada em 1973 para substituir o telex e, agora, é usada por mais de 11 mil instituições financeiras em mais de 200 países para enviar mensagens seguras e ordens de pagamento. Em resumo, é um conector essencial para as instituições financeiras de diferentes regiões do mundo, e não possui substituto em termos globais.

A instituição, embora até então desconhecida pelo grande público, tornou-se, ao longo dos anos, a espinha dorsal do sistema internacional de transferências financeiras. Se um banco ou um país inteiro não participa do Swift fica impedido de operar no sistema bancário internacional. Não tem como receber ou fazer transferências de recursos, o que, na prática, significa que fica impedido de negociar.

Há precedente de remoção de um país do sistema. O Swift desligou os bancos iranianos em 2012, depois

que eles foram sancionados pela União Europeia por causa do programa nuclear do país. O Irã perdeu quase metade de sua receita de exportação de petróleo e 30% do comércio exterior após a desconexão. Embora Cuba e Venezuela não tenham sido excluídas do Swift, boa parte das sanções que conformam o bloqueio econômico contra os dois países dificulta as transações comerciais no sistema financeiro, obrigando os governos a triangular as compras vinculadas ao Estado.

A medida que, agora, atinge a Rússia representa um duro golpe para a economia do gigante euroasiático, e essa é a primeira vez que uma medida dessa natureza é tomada contra um país com dimensões continentais. Mesmo assim, não se pode dizer que o Kremlin foi pego de surpresa. Moscou já vinha tomando medidas nos últimos anos para atenuar o trauma caso essa “arma” fosse usada contra eles. O país estabeleceu seu próprio sistema de pagamento, o SPFS, depois de ser atingido por sanções ocidentais, em 2014, quando anexou a Crimeia. Atualmente, 20% das transferências domésticas são feitas por meio desse sistema local, mas o tamanho das mensagens é limitado e as operações são enquadradas em horários específicos da semana.

O governo de Putin também passou os últimos oito anos preparando a Rússia para o endurecimento das relações com os outros países e construiu um cofre de guerra de US\$ 630 bilhões em reservas internacionais, incluindo moedas e ouro. Mas pelo menos parte desse poder de fogo financeiro agora está congelado e sua “fortaleza” econômica está envolta na crise. Na última quarta-feira, um empresário russo foi entrevistado por uma agência internacional de notícias quando se preparava para sair da Rússia. E resumiu, com precisão, os ânimos gerais em sua terra natal: qualquer

empreendedor que tem negócios na Rússia hoje, do pequeno ao grande, está se sentindo como se voasse num avião sem motor ou então num avião com motor pegando fogo nas asas.

E como toda “arma nuclear”, a retirada de bancos russos do Swift pode espalhar radiação no comércio global e mesmo no sistema de pagamentos internacionais. E atinge tanto as empresas russas quanto seus clientes estrangeiros, especialmente importadores de petróleo e gás, mas também trigo e milho. O Brasil, em especial, obviamente deverá arcar com sua parcela nessa fatura. O país é dependente de fertilizantes vindos da Rússia. Sem esses insumos, os agricultores terão de pagar mais caro para comprá-los em outros países. Para cobrir esses custos extras, aumentarão os preços dos alimentos. A mesa dos brasileiros ainda será impactada pela valorização do trigo, já que os russos são grandes produtores do grão.

Outra consequência é a elevação das cotações do petróleo, com reflexos nos preços dos combustíveis nas bombas dos postos. Enfim, a conta será generalizada. O Swift também tem a perder, pois trezentas instituições financeiras da Rússia estão conectadas ao sistema, sendo a segunda maior participação na organização, depois dos Estados Unidos.

O fato é que essas sanções podem acabar estimulando a Rússia a aprimorar, possivelmente com a China, um sistema de pagamentos alternativo, o que poderia gerar no futuro um realinhamento das relações bancárias dos países do Oriente. Os olhos, portanto, estão todos voltados, não só para os canhões de Putin na Ucrânia, mas para as conversas diplomáticas que os emissários econômicos da Rússia estão travando com os seus países aliados.

Homenagem à mulher

» ELIZABET GARCIA CAMPOS

Psicóloga, professora da FVG, foi secretária de Estado da Administração do DF

Para homenagear o Dia Internacional da Mulher, é preciso considerar itens importantes como o contexto cultural e histórico, as conquistas alcançadas e as políticas públicas ainda carentes no cenário brasileiro. Nada mais delicado e adequado para definir esse ser humano como aquele que dissemina a luz, a alegria, a esperança e ser a matriz da humanidade — que só continua sendo humanidade — por causa da mulher, que é vida e gera a vida.

Estamos vendo e vivendo a expressiva participação feminina na construção de uma sociedade que busca ser melhor. Com esse olhar, quero voltar no tempo e lembrar um pouco a figura da mulher, nesses pouco mais de 500 anos da história brasileira e o seu legado na formação do nosso povo. Estendo meu olhar de homenagem à mulher-mãe índia e à mulher-mãe negra, tão sofridas e massacradas pelas circunstâncias históricas, vistas como objeto de trabalho escravo e meras parideiras de crianças que, sendo filhas mulheres, continuaram por séculos cumprindo o mesmo destino triste das mães: o de continuarem escravas e parideiras para o senhor branco. Incluo nesta reflexão a sinhá branca que, dentro de sua crueldade, era também uma mulher sofrida, submissa, sem direitos e que, portanto, se iguala à mãe-índia e à mãe-negra, pela condição de ser apenas uma simples mulher.

Essas mulheres, apesar de tudo, não perderam a fortaleza do espírito, a doçura e a fé, determinando a índole amável, o princípio do amor familiar, a alegria, a espiritualidade e solidariedade do povo brasileiro. Foi uma longa e sofrida caminhada até os dias de hoje, com luta e determinação para o alcance e reconhecimento de seus mais óbvios direitos. A imagem da mulher submissa e de sentimentos aprisionados não se encaixa nos dias de hoje e parece cada vez mais distante. É preciso deslocar a discussão contemporânea sobre o movimento das mulheres do passado, o quanto foram oprimidas para o futuro, como estão utilizando a liberdade e o poder que já conquistaram.

Nunca antes na nossa história a mulher teve a possibilidade de fazer tantas escolhas. Mas as escolhas também representam renúncias e estas, pelas suas complexidades, precisam ser bem avaliadas. Na verdade, as escolhas com suas necessárias renúncias, na luta das mulheres, comprovam exemplos de coragem, de ousadia, quebrando tabus arraigados na cultura milenar de discriminação, violência e machismo autoritário que, infelizmente, ainda têm seus resquícios nos dias de hoje.

As vitórias alcançadas não esgotam o universo de direitos e oportunidades a serem conquistadas, e o que fazer para que a mulher cumpra seu papel na sociedade em igualdade de condições com os homens? O principal alicerce para as mudanças deve vir da educação e de princípios bem estruturados da família. Assim como são indispensáveis e necessárias, efetivas políticas públicas que desmontem o quadro de desigualdade ainda perverso, que comporta o preconceito e a discriminação, cuja forma mais opressiva é a violência física, moral e social. Ainda existem lacunas que permitem que a mulher continue a ser excluída de muitos de seus direitos de cidadã. Isso demonstra a necessidade de implementação de novas políticas públicas.

Graças ao grande esforço das mulheres para abrir espaços e se firmarem no mundo corporativo, elas têm avançado em suas conquistas em todos os campos. O ambiente profissional já considera que esse reconhecimento é um processo irreversível, apesar da permanência do masculino nas suas características: competitivo, individualista, focado em resultados de curto prazo. Mas, sem dúvida, a situação atual já comporta mais colaboração, busca de consenso, com uma liderança baseada na influência, na inspiração do que no mando, com uma visão de longo prazo, mais abrangente, com foco em propósitos que sem dúvida se identificam com as características mais femininas.

Busca-se que o mundo corporativo trate de forma estratégica o tema diversidade e inclusão; que perceba que o progresso por elas alcançado não visa ocupar o lugar do homem, mas abrir não só o espaço para a equiparação de gêneros, mas a diversidade dos perfis, de ideias, de comportamentos, de lideranças. A visão correta que precisamos construir, cada vez mais, deve ser voltada para um mercado de trabalho saudável para acolher profissionais confiantes, bem preparados e felizes em suas funções e na vida pessoal, sejam mulheres, sejam homens. É pra lá que estamos caminhando.

Apesar de algumas barreiras, as características femininas felizmente estão sendo cada vez mais desejadas pelas organizações, públicas ou privadas. No relacionamento do mundo corporativo, há avanços alcançados no diálogo, na parceria e na cooperação. Mas o que não pode acontecer é a mulher abrir mão da criatividade, da sensibilidade e de uma atitude cooperativa, apoiada mais na intuição do que no pensamento cartesiano, pois isso é feminino.